

renovou na década de 90 – que permita lê-las como parte de uma poética pós-modernista de crítica das representações, ainda que inflexionada num sentido diferente da poesia de 61, da poesia experimental e, em geral, das poéticas descendentes do modernismo vanguardista. Na hipótese contida em *Vidro do Mesmo Vidro*, a retórica totalizante da metáfora e a retórica fragmentária da alegoria poderiam ser inscritas na descendência modernista.

Manuel Portela

A ESCALA DO MEU MUNDO

JOÃO BARRENTO

Lisboa, Assírio & Alvim, 2006

A recolha de crónicas e ensaios dispersos, em geral de extensão e registos variáveis e com objectivos diferentes, tem muitas vezes a virtude de revelar um pensamento em movimento ou em construção, nos seus avanços e impasses, nas fulgurações, nas hesitações, nas conjecturas, enfim, na descoberta de novos problemas como modo próprio de auto-descoberta. É esse movimento da construção da escrita que se reconhece nos textos de *A Escala do Meu Mundo*, de João Barrento, um livro que recolhe textos publicados entre 2000 e 2004. A recolha daquilo que foi publicado, na sua maior parte, como um conjunto de crónicas ou recensões não se limita pois a registar o movimento de inscrição da escrita no tempo e a mar-

car a contingência da sua datação como resposta temporária à temporalidade do tempo. Aquilo que é evidente, em muitos textos desta obra, é a capacidade de João Barrento de correr o risco de pensar com os seus objectos, isto é, de pensá-los e de pensar com eles e para além deles, para os caminhos que através ou a partir deles se abrem nos textos próprios. Através dessa atenção ao «insignificante que me acontece» (p. 7), parece ser possível trazer o mundo às escalas da escrita do sujeito.

Se é reconhecível este movimento da escrita a escrever-se e a pensar-se, é também visível a efemeridade intrínseca da crónica ou da recensão, cuja temporização o formato do livro parece tornar particularmente perceptível. A inscrição do tempo no texto decorre também dos modos de publicação e da forma como estes se tornam parte integrante dos géneros e formas literárias, isto é, da pragmática particular que determina os actos de fala literários. O livro tenta reinscrever na sua temporalidade própria – a da biblioteca, do arquivo e da memória da escrita acumulada – os tempos e durações dos modos de publicação originais, retemporizando através do seu código bibliográfico as escalas temporais do jornal semanal e da revista mensal. E este constitui precisamente o seu projecto paradoxal: fazer permanecer a escrita que passa. Trazer para a duração dos anos a duração dos dias, das semanas, dos meses. Desde logo através de uma organização que se oferece como um exercício de produzir retrospectivamen-

te um nexa fora do tempo jornalístico. A contingência da escrita, forma particular da contingência do quotidiano, não pode por isso deixar de tornar-se perceptível nesse desejo de ordem *a posteriori*. O autor oferece, aliás, um enquadramento para esse confronto da escrita com a sua própria temporalidade, prefaciando e posfaciando o livro com duas reflexões, respectivamente, sobre a contingência e a perfectibilidade da escrita e, com ela, do eu que se escreve ao escrever a escrita.

Como representar o que está a acontecer sem tornar a escrita prisioneira da efemeridade do acontecimento que representa, isto é, sem que ela se desvanença no fluxo inexorável do acontecido? João Barrento deseja conseguir a escrita como se descreve a conseguir o dia: «A vida, o fragmento de mundo que ela me oferece, é um acontecimento, é o acontecimento do dia.» (p. 7). Escrever o que acontece seria captar essa actualidade da vida como acontecimento singular dentro do próprio sujeito: «O mais importante é alguma coisa que só se aplica a este dia e a esta hora, é a revelação súbita que o quadro me traz.» (p. 8). O mesmo é dizer que os escritos que ficam são também as palavras que o vento leva, marcando-as com a temporalidade particular do seu sopro nos seus modos de escrita e de inscrição. A relação entre género e formato permanece evidente: fugindo do jornal ou da revista para o livro, a crónica traz consigo as marcas da sua produção – na extensão, na topicalidade, nos tropos

que a definem. O mesmo se poderia dizer da crítica literária, ainda quando o seu desejo de escrita deixa adivinhar um ensaio crítico. Trata-se, afinal, de reunir textos variados e dispersos cuja unidade vem desse desejo do acontecimento da escrita no tempo – no tempo da escrita e do sujeito da escrita.

Por isso se pode dizer que o livro de João Barrento trabalha em duas escalas: a escala da crónica do pequeno acontecimento e da pequena estória; e a escala do pequeno ensaio, quer dizer, a escala de um pensamento que tenta ganhar fôlego para pensar criticamente o seu objecto e o pensamento com que pensa o seu objecto, numa duração e numa temporalidade que é mais interna ao processo de reflexão, e certamente de mais retornos a si mesma e ao tempo do seu desenrolar. Este duplo movimento – muitas vezes presente em simultâneo, até mesmo nos textos mais breves – dá-nos a alternância de escalas que compõe *A Escala do Meu Mundo*. Trata-se, por um lado, da escrita como exercício de observação de um mundo que se produz e reproduz nas suas formas culturais, sociais e políticas, mas também nos seus modos de produção e reprodução periódica, cuja lógica impressa determina um certo número de caracteres numa certa data. E por outro, da escrita como exploração crítica do mundo-nos-textos, quer dizer, dos mecanismos literários e artísticos de figuração e transfiguração do real.

«A escrita tem os seus segredos, pequenos, mas secretos e às vezes deci-

sivos. E as suas surpresas. Os seus caminhos são, como se sabe, muitos e diversos, inesperados. A página branca (branca não é, é papel reciclado) onde comecei a escrever esta crónica é disso um exemplo. Comecei no topo, já com título e tudo, mas interrompi a primeira frase a meio e continuei a escrever no terço inferior, porque me ocorreu que devia antepor alguma coisa ao que ia a escrever, para depois lá voltar. Enganei-me. O impulso da mão levou-me a escrever mais do que o espaço inferior da página me permitia. Retomei-a ao centro, e só agora volto à cabeça para reiniciar a frase que abandonei a meio, e que dizia que há alguns anos li num jornal alemão um pequeno anúncio com o título ‘Quem tem medo da primeira página?’». Em crónica periódica ou em livro, a escrita faz parte da reprodução económica e cultural do mundo. É através desta forma particular de trabalho que os autores se produzem e reproduzem, reinventando a subjectividade que os constitui na página escrita que vendem.

O confronto com a página branca, que abre a colectânea («A Página em Branco», pp.13-16), contém dois dos motes d’ *A Escala do Meu Mundo* enquanto crónica das crónicas que contém: a escrita como desejo de escrita, que se retroalimenta na relação que estabelece com o não-dito a dizer, a descobrir como dizer, a revelar, a reconhecer; e a escrita como modo de produção de escrita, sujeita aos fluxos temporais da produção impressa, à voracidade das horas e dos dias, ao número de pági-

nas, de palavras e de caracteres. O seu mundo de possibilidades é, ao mesmo tempo, o mundo das suas contingências, ainda quando o seu desejo é fazer da escrita o seu próprio acontecimento. Neste caso, dir-se-ia que se assemelha à leitura como desejo de leitura que se retro-investe no acto de produzir o sentido que lê. Um desejo de leitura como desejo de escrita que sobressai, por exemplo, nas leituras da obra de Maria Gabriela Llansol (pp. 143-150) ou de Rui Chafes (pp. 205-212). Aí João Barrento tenta fazer da escrita não tanto um instrumento que ilumina o seu objecto, mas antes um modo de fazer que se ilumina no seu objecto, que pensa e escreve com ele, que se deixa interpelar pelas fracturas que a escrita abre na língua.

Ainda que o autor tenha tentado criar uma estrutura temática, agrupando por afinidades temáticas textos díspares na sua génética e modo de circulação original, as marcas desta produção heterogénea são visíveis mesmo entre os textos de cada um dos quatro grupos: «Scripta Manent», «Cartas ao Mundo», «Cristais do Tempo» e «A Dimensão de Infinito». Ao mesmo tempo, aquilo que poderia parecer mera agregação de fragmentos, contém um fio condutor de diversos actos de escrita, que retrospectivamente permitem reler as marcas do tempo na escrita. São talvez três as escalas na notação que essas marcas fazem do real e do textual: a escala da crónica, que parece sucumbir à voracidade do tempo que descreve, nas alusões ou comentários

tópicos; a escala da crítica literária ou da crítica de arte, de quem lê ou relê uma obra ou um autor como se o tempo da escrita e da leitura fosse diferente do tempo do tempo (Shakespeare, Goethe, Armando Silva Carvalho, Maria Gabriela Llansol, Ana Luísa Amaral, Walter Benjamin, Theodor Adorno, Pascal Quignard, Gottfried Benn, Franz Kafka, Rainer Maria Rilke, Edmund White, Mark Rothko, Ilda David, Lourdes Castro, Rui Chafes, Balthus); e a escala do pequeno ensaio, de quem experimenta ler mais e escrever mais no intuito de abrir um caminho de prazer no texto que reconduza o sujeito ao acontecimento como «súbita singularidade que se [lhe] oferece ao olhar» (p. 7).

De certo modo, é a consciência das diferentes escalas da escrita e da publicação da escrita que *A Escala do Meu Mundo* nos permite experimentar na leitura. Tanto como a da escala do mundo do sujeito, dos seus olhares e interesses, aquilo que se torna visível é o acto recorrente de deambular no meio da escrita. O acto de, a partir da página em branco, fazê-la responder à leitura, retroalimentando-a de uma infinidade de outros textos (livros, jornais, revistas), e da topicalidade com que a atenção do escritor reconverte a leitura em escrita, reordenando as marcas do real no fluxo temporal da escrita como produção do dia a dia página a página. Nisso, é como recapitular a experiência inicial da aprendizagem da escrita e da redacção enquanto possibilidade escrita de mundo: «Para mim, a ardósia não

era naturalmente diorito, nem sequer ardósia, e nenhuma escrita vivia nela mais que o tempo de uma aula. (...) A ardósia chamava-se simplesmente pedra. Dura como o esforço de a marcar com o lápis (que, evidentemente, se chamava «lápis de pedra») para gerar formas e, a certa altura, os primeiros mundos da imaginação moldados na escrita a partir do barro de vivências que se transfiguravam já ao tocar o fundo negro da pedra.» (p. 17).

Manuel Portela

**TEMPO PARA ENTENDER. HISTÓRIA
COMPARADA DA LITERATURA
PORTUGUESA**

HÉLIO ALVES

Casal de Cambra, Caleidoscópio, 2006

Tempo para Entender reúne nove estudos, entre os quais quatro inéditos, de Hélio J. S. Alves, docente da Universidade de Évora, que conquistou já o seu campo nos estudos literários portugueses, nomeadamente com o estudo *Camões, Corte-Real e o Sistema da Epopeia Quinhentista* (Coimbra, 2001).

O livro apresenta-se dividido em cinco partes, sublinhando uma sequência de argumentação que dá unidade aos ensaios apresentados e os articula logicamente, dentro das múltiplas sugestões abertas pela ambiguidade do título. Ao mesmo tempo, é constante no texto a presença apaixonada do autor, que vai guiando o leitor entre a espe-